

Como é a vida da pulsão de morte?

Leonardo Adalberto Francischelli¹

Cada una de estas pulsiones es tan indispensable como la otra; de las acciones conjugadas y contrárias de ambas surgen los fenomenos de la vida.
S. Freud

Resumo: O presente trabalho aborda parte da trajetória das pulsões, em Freud, que culminou com a teoria dualística: pulsão de vida e pulsão de morte. Registra, além disso, o pensamento de outros autores contemporâneos, que corroboram o pensamento freudiano em que o princípio do prazer dá lugar à compulsão à repetição, porém sem esquecer que os atributos da pulsão de morte estão também a serviço da vida.

Palavras-chave: Compulsão à repetição. Princípio do prazer. Pulsão de morte. Pulsão de vida.

1

Na dialética entre *Princípio do prazer e a compulsão à repetição*, Freud modifica sua teoria pulsional. Em outras palavras, as ajusta às necessidades clínicas de 1920. É nesses anos que ele descobre que não era suficiente tornar o inconsciente consciente no processo da cura. Essa descoberta comprometia o edifício psicanalítico construído até essa época.

Em 1914, ele já tinha trabalhado *Recordar, repetir e reelaborar*. Em 1920, com a descoberta de que a cura em psicanálise é complexa, algo mais precisava ser feito. Assim, posto que o processo repetitivo em análise não seria só repetir para não lembrar, ele traz consigo a marca do “demoníaco”.

¹ Membro Fundador, Titular e Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

“Demoníaco” aqui, no sentido grego, que designa um poder superior, não no sentido cristão de “diabólico”, como esclarece Souza (2010, p. 181). Esse “poder superior” presente na compulsão à repetição surpreende a clínica na sala de análise:

Se levarmos em conta essas observações a respeito da transferência e a fatalidade presente no destino de tantos seres humanos, vemo-nos encorajados a assumir a hipótese de que realmente existe na vida psíquica uma compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*) que ultrapassa o princípio do prazer. (Freud, 1920/1984a, p. 22)

É importante destacar que ele vai buscar os argumentos fora da clínica, como podemos constatar a seguir: “Quanto às brincadeiras infantis, já destacamos outras interpretações que a sua gênese admite. Compulsão à repetição e direta satisfação prazerosa da pulsão parecem aí entrelaçadas em íntima conexão”. (Freud, 1920/1984a, p. 22)

A clínica indicou a Freud e aos psicanalistas de hoje que, no palco transferencial, cada analisando repete dores e sofrimentos passados. O presente está cheio de passado. O poderoso princípio do prazer, comandante de todos os processos psíquicos, sofre uma derrota; o reinado agora pertence à compulsão de repetição. Sofreu um deslocamento.

Esse novo saber, por sua vez, recoloca o artigo de 14 em outro lugar, contudo, não fora do acervo freudiano, só que dando outra consistência aos processos psíquicos da repetição. “O que ainda resta é bastante para justificar a hipótese da compulsão de repetição, e esta nos aparece mais original, mais elementar, mais pulsional do que o princípio de prazer, por ela posto de lado”. (Freud, 1920/1984a, p. 23)

Outro comentário sobre a compulsão à repetição, atestando seu poder, coloca o princípio do prazer em maus lençóis. Ele é atingido por um verdadeiro nocaute. Destituindo seu reino.

Esse “mais pulsional” que opera como o motor da compulsão à repetição é que vai ser batizado como pulsão de morte. Nesse trabalho de Freud, esse novo conceito pulsional aparece com timidez. No entanto, em obras posteriores, ele passa a se constituir como a pulsão por excelência.

“Freud dá o nome de pulsão de morte à primeira pulsão” (Garcia-Roza, 1990, p. 19). Com o advento da pulsão de morte, ele finaliza sua revolução copernicana em matéria pulsional. Essa começou cedo, com a primeira organização pulsional, divididas entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação.

O trabalho sobre o Narcisismo, primeira teorização pulsional, sofreu um forte abalo, posto que a libido habitava em ambos os lugares e não só nas pulsões sexuais. Em 1920, nasce a pulsão de morte e com ela finaliza a teoria pulsional.

Sempre dual. Dualidade fundamental. Freud não poupou esforços em manter essa dialética da dualidade.

Então, Eros versus morte, sempre juntas, jamais separadas. Esse par se manterá até os últimos trabalhos de Freud.

Nas funções biológicas, as duas pulsões básicas produzem efeitos uma contra a outra ou se combinam entre si. Assim, o ato de comer é uma destruição do objeto como fim da incorporação; o ato sexual, uma agressão com o propósito de uma união mais íntima... E mais além do reino do vivo, a analogia de nossas duas pulsões básicas leva o casal de contrários à atração e à repulsão, que governa no inorgânico. (Freud, 1940/1986a, p. 147)

A presença da pulsão de morte, além de comover os meios psicanalíticos da época, ainda hoje, serve de ponto de partida para grandes e profundas mudanças na teoria analítica:

- A primeira tópica vai ser substituída pela construção da segunda. *Substituída* seria a palavra certa? Ou caberia outra concepção, como: Ela só foi conceitualmente ampliada para contemplar novos fenômenos clínicos trazidos à tona pela compulsão à repetição.
- Em seguida, foi necessário modificar o conceito de masoquismo. Exposto por ele nos três ensaios como secundário, passa a ser primário. Os efeitos disso aparecem em *Problema econômico do masoquismo*.
- A angústia, que antes da segunda tópica era produzida pelo recalque, agora dispara o recalque.
- O inconsciente, isto é, a psicanálise, precisa de novos predicados: reprimido é aquele que não foi negativizado pelo recalque, constitucional.

Antecedente próximo para o nascimento da pulsão de morte está no *Estranho*, trabalho de 1919.

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma “compulsão à repetição”, procedente das moções pulsionais e provavelmente inerente à própria natureza das pulsões – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco e ainda muito claramente expresso nos impulsos das crianças pequenas; uma colusão que é responsável, também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos. (Freud, 1919/1986b, p. 238)

Esse é um breve sumário sobre a grande revolução, uma subversão teórico/clínica que afetou profundamente as ideias psicanalíticas produzidas até 1920.

Talvez fosse mais adequado dizer até nossos dias, pelas diferentes abordagens que é possível notar entre autores atuais.

2

O cenário psicanalítico recebe esse novo personagem, a pulsão de morte, com alguma dificuldade. É um “ator” não muito considerado na medida em que surge para perturbar, desorganizar a cena construída com amor até a década de 1920. Porém, em trabalhos posteriores, ela vai tomando corpo e se transformando em uma grande figura da cena analítica.

“Sobre a base de considerações teóricas, apoiadas pela biologia, supomos uma pulsão de morte, que se encarregará de reconduzir o ser vivo orgânico ao estado inerte, enquanto Eros ...” (Freud, 1923/1984b, p. 41). Ainda que ele diga “supomos”, defendemos a ideia que, a partir desse texto, a pulsão de morte adquire carta de cidadania em psicanálise. E também aquilo que poderíamos chamar de uma má interpretação, que ela só se destina a promover a morte do inorgânico.

Esse ponto será discutido ao longo do percurso desse trabalho de Freud, com outra proposta sobre os fins da pulsão de morte. Tanto isso é assim que logo ele vai sustentar que, por intermédio de um órgão particular, a pulsão vai se manifestar no mundo exterior como moções destrutivas. “Esse órgão seria a musculatura, e a pulsão de morte se exteriorizaria agora – provavelmente só em parte – como pulsão de destruição dirigida ao mundo exterior e a outros seres vivos”. (Freud, 1923/1984b, p. 42)

Em seguida, Freud nos apresenta as pulsões associadas entre si: “Nos componentes sádicos da pulsão sexual, estaríamos frente a um exemplo clássico de uma fusão pulsional a serviço do seu fim; e sadismo, advindo autônomo, como perversão, o modelo de uma desfusão, ainda que não elevada ao extremo”. (Freud, 1923/1984b, p. 42)

As pulsões já não “vivem” sozinhas, como as pessoas. As sexuais precisam da pulsão de morte para vencerem as resistências do objeto, porém, sob o controle das pulsões sexuais, enquanto que, na perversão, haveria um predomínio da pulsão de morte. Na neurose obsessiva também constatamos uma des fusão pulsional com destaque da pulsão de morte. Ela está presente na patologia.

“Conhecemos que a pulsão de destruição é sincronizada segundo regras aos fins de descarga, a serviço de Eros” (Freud, 1923/1984b, p. 42). Não precisamos de mais palavras de nossa parte, são as de Freud que falam da pulsão de morte a serviço de Eros.

Outra polaridade: amor e ódio. “... podemos pesquisar na Pulsão de destruição, na qual o ódio marca o caminho, um sub-rogado da pulsão de morte, tão difícil de assimilar” (Freud, 1923/1984b, p. 43). Como falávamos de patologias acima, não poderíamos esquecer essa famosa sentença: “O que agora governa no Supereu é como um cultivo puro da pulsão de morte”. (Freud, 1923/1984b, p. 54)

Nosso amigo supereu trabalhando melancolias e, ainda, na inacessibilidade narcisista. “Em consequência desta hostilidade primária e recíproca entre os seres humanos, a sociedade culta se encontra sob uma permanente ameaça de dissolução ... as paixões que vêm do pulsional são mais fortes que uns interesses racionais” (Freud, 1930/1986c, p. 109).

Essa observação freudiana ficará ainda mais transparente com o que afirma a seguir: “a inclinação agressiva é uma disposição pulsional autônoma, originária do ser humano ... sustento que a cultura encontra nela seu obstáculo mais poderoso” (Freud, 1930/1986c, p. 117).

Outra preciosa contribuição desse texto vem desta colocação: “Nossa concepção atual pode anunciar-se aproximadamente assim: Em cada exteriorização pulsional participa a libido, porém nem tudo nela é libido” (Freud, 1930/1986c, p.117). Antes disso, Freud tinha outra concepção/ideia sobre a libido:

A tarefa da libido seria fazer inócua esta pulsão destruidora; a desempenha desviando-a em boa parte ... para fora, dirigindo-a para os objetos do mundo exterior. Recebe então o nome de pulsão de destruição, pulsão de apoderamento, vontade de poder. (Freud, 1924/1984c, p. 169)

Não pode nos passar despercebido esses novos atributos da pulsão de morte quando colocada no mundo exterior. Assim, destruição, apoderamento e vontade de poder constituem uma importante trilogia. Presente em nossa vida cotidiana, longe de só trabalhar pela nossa morte, a pulsão também aspira nossa glória.

Nem toda a pulsão seria colocada nos objetos externos, uma parte fica retida no interior do aparelho psíquico. Isso que resta, que fica, “é ligado libidinosamente com a ajuda da coexcitação sexual antes referida; nesse setor temos que discernir o masoquismo erógeno, primário” (Freud, 1924/1984c, p. 169). Como já havíamos anunciado antes, o masoquismo secundário passa a primário depois da construção da pulsão de morte. Freud também explica que

o masoquismo moral passa a ser a testemunha clássica da existência de fusão das pulsões. Sua perigosidade se deve a que descende da pulsão de morte, corresponde a aquele setor dela que foi subtraído de sua volta para fora como pulsão de destruição. Porém como, por outra parte, tem o valor psíquico de um componente erótico, nem

ainda a autodestruição da pessoa pode se produzir sem satisfação libidinosa. (Freud, 1924/1984c, p. 176)

Seria na esteira desses textos que surge, na obra freudiana, a RTN, a famosa Reação Terapêutica Negativa, ou seja, o “não posso melhorar”, dito pelo analisando, para nossa surpresa.

“Como assim!”, diria o psicanalista. “Não posso curar!”. De onde vem essa sentença estranha?

“O padecer como tal é o que importa”, afirma Freud (1924/1984c, p. 172). O sofrimento é o que importa, o saber clínico que nasce do advento da pulsão de morte e que se expressa clinicamente como resistência à cura.

Em 1920, portanto, a psicanálise, pela mão de Freud, sofre uma revolução interna. Entretanto, essa produção não se deteve; avança e muito. Na esteira do *Ego e o id, O problema econômico do masoquismo* e outros, nasce a *Negativa*. Texto exemplar da metapsicologia freudiana. E, com ele, a pulsão de morte recebe novas atribuições.

3

O julgar é o posterior, de acordo com os fins, da inclusão dentro do eu ou da expulsão dele, que originariamente se guiaram pelo princípio do prazer. Sua polaridade parece corresponder à oposição dos grupos pulsionais que temos suposto. A afirmação (*Ausstossung*) – como substituto da união – pertence a Eros, e a negação (*Bejahung*) – sucessora da expulsão – à pulsão de destruição. (Freud, 1925/1984d, p. 256)

Aqui, a função da pulsão de morte é específica: é dar vida ao aparelho psíquico. Ao proceder a “expulsão” abre o jogo, ou seja, dá início à partida. Dispomos de um brinquedo infantil – Resta Um – que facilita nossa compreensão do fenômeno; sem o espaço em branco no centro do brinquedo, as peças não podem se movimentar. Em outras palavras, não se pode brincar.

Garcia-Roza (1990, p.134) vê a pulsão de morte “como potência criadora”. Essa afirmação que assusta. Como assim? Pulsão de morte como criadora? Onde estamos?

Pois bem, podemos sustentar que ele não anda acometido de nenhuma loucura, sempre e quando entendemos que ele, Garcia-Roza, parte da ideia, posta por Freud, de quem abre esse “espaço branco” é a pulsão de morte. De acordo com o autor, “a pulsão de morte, entendida como potência destrutiva, tem como alvo a disjunção dessas unidades, a recusa da permanência. Enquanto a pulsão sexual é conservadora, pois além de constituir uniões tende a mantê-las, a pulsão de morte é renovadora” (Garcia-Roza, 1990, p. 134).

Disso podemos dar um passo a mais e dizer: nosso trabalho clínico se faz apoiado na pulsão de morte. Fato que promove muitas resistências no meio psicanalítico. Entretanto, se olharmos com atenção para um deslocamento que vem acontecendo na sala de análise, aquilo que colocávamos no analisando como resistência, na verdade, dorme na cabeça do analista.

Efetivamente, é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado com pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa tudo o que existe. Mas ela é igualmente vontade de criação a partir do nada, vontade de recomeçar. Esta dimensão é introduzida desde que a cadeia histórica é isolável, e que a história se apresenta como algo memorável e memorizado no sentido freudiano, algo que é registrado na cadeia significativa é suspenso à sua existência. (Lacan, 1959-1960/1991, pp. 259-260)

Ao mesmo tempo que põe em causa tudo o que existe, a pulsão de destruição dispõe, também, de recursos criativos. É isso que, em geral, fica esquecido em nossas considerações.

Por outro lado, como sabemos todos que a representação da pulsão de morte não tem representação em nosso inconsciente.

Aquilo que “encontramos” no inconsciente são representantes das pulsões parciais (sexuais); a pulsão de morte não tem propriamente representantes, ela se faz presente silenciosamente como princípio disjuntivo do sexual. “Não é fácil” – escreve Freud – demonstrar as atividades dessa suposta pulsão de morte ... O não se encontra presente enquanto *Vorstellung*, mas enquanto princípio de desunião, de disjunção de Eros. (Gracia-Roza, 1986, pp. 105-106)

Sob a visão de Zaltzman (1994, p. 21), “a partir deste postulado do carácter não representável das pulsões de morte separadas das pulsões sexuais, surgiu a necessidade de um conceito sobressalente: o das pulsões destruidoras às quais se atribui os efeitos tangíveis, exteriorizáveis da pulsão de morte”.

É outro caminho importante sobre a questão de não representação da pulsão de morte. As pulsões destruidoras, como marca o texto, têm possibilidades de representação, ou melhor, de contar com representação no inconsciente.

4

“A atividade disjuntiva da pulsão de morte liberou momentaneamente o que o encarcera em uma obrigação de amor” (Zaltzman, 1994, p. 27). Como dissemos acima, a pulsão de morte trabalha no processo da cura. Não reproduzimos aqui

todo fragmento clínico onde a autora fundamenta sua opinião. Mas queríamos destacar nossa colocação anterior na direção do trabalho da pulsão de morte no trabalho clínico do analista. Segundo Zaltzman (1994, p.48), “as pulsões de morte, longe de surgirem do nada, sem nenhum apoio de funções vitais, estão, ao contrário, numa relação ainda mais estreita, mais ligadas ao apoio corporal que as pulsões libidinais”.

Não estamos muito habituados, em nosso meio, com essa apresentação da pulsão de morte. Justamente por essa razão é que a evocamos neste trabalho. A mesma autora afirma: “Até agora tentei mostrar que as pulsões de morte têm um destino mental distinto da inclinação para a morte” (Zaltzman, 1994, p. 57). E mais: “Ilustrei um aspecto da missão autoconservadora das pulsões de morte, mostrando que são elas que inscrevem no aparelho psíquico os ‘extratos’ de um corpo definhamentos resistentes aos fantasmas do desejo” (Zaltzman, 1994, p. 57).

São fortes esses comentários sobre os efeitos da pulsão de morte. Ainda mais, como dissemos, sem a clínica nas quais ela apoia seus comentários. São válidos, contudo, pelo cheiro de novo para este que escreve.

5

É pois pela ação da pulsão de morte que se dá a separação e a constituição do objeto. O que até então era visto como algo puramente negativo – a pulsão de morte – passa a ser considerado como um princípio de constituição do objeto e é responsável pela estrutura do psiquismo. (Garcia-Roza, 1986, p. 77)

Entendemos, assim, a pulsão de morte como um caminho construtivo. E finalizamos nosso sucinto comentário sobre essa “famosa” pulsão, não sem antes chamar, pela última vez, a presença de Garcia-Roza (1990, p. 137): “A verdadeira morte - a morte do desejo, da diferença – sobrevém por efeito de Eros e não pela pulsão de morte”.

Partimos da ideia de que a pulsão de morte contém, dentro de si, a vida. Acreditamos, portanto, que o percurso foi realizado, por meio de autores reconhecidos e que nossa tese foi, de maneira modesta, desenvolvida. Assim, Jorge (2000, pp. 63-64) explica que Freud,

nessa perspectiva, associa a pulsão de morte ao simbólico, à “insistência significativa”, e observa que “a vida só está presa ao simbólico de maneira despedaçada, decomposta. O próprio ser humano se acha, em parte, fora da vida, ele participa do instinto (pulsão) de morte. É só daí que ele pode abordar o registro da vida”. Como a ordem simbólica apresenta uma relação de exterioridade em relação ao sujeito, Lacan a situa como a

própria pulsão de morte, vindo nesta uma relação com o simbólico, com esta fala que está no sujeito, sem ser a fala do sujeito.

Essa é uma arquitetura bastante complexa de como trabalha o simbólico. É necessário compreender que ele é externo, sempre inquietante. E dizer que é só a partir da pulsão de morte que o ser humano pode abordar o registro da vida não deixa de ser uma abordagem sofisticada.

Os textos falam de vida na pulsão de morte quando observam a fusão pulsional. Porém, acreditamos que fomos além, priorizando as funções fundamentais dessa função, mais amiga que inimiga da vida.

How is the life of the death drive?

Abstract: This paper approaches part of the trajectory of the drives, in Freud, that culminated with the dualistic theory: life drive and death drive. It also records the thinking of other contemporary authors, which corroborate the Freudian thought in which the pleasure principle gives place to the compulsion to repetition, but without forgetting that the attributes of the death drive are also in the service of life.

Keywords: Death drive. Life drive. Pleasure principle. Repeat compulsion.

Referências

- Freud, S. (1984a). Más allá del principio de placer. In *Obras completas* (Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1920)
- Freud, S. (1984b). El yo y el ello. In *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (1984c). El problema económico del masoquismo. In *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1924)
- Freud, S. (1984d). La negación. In *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1925)
- Freud, S. (1986a). Esquema del psicoanálisis. In *Obras completas* (Vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1940)
- Freud, S. (1986b). Lo ominoso. In *Obras completas* (Vol. 17). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1919)
- Freud, S. (1986c). El malestar en la cultura. In *Obras completas* (Vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1930)

- Garcia-Roza, L. A. (1990). *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Garcia-Roza, L. A. (1986). *Acaso e repetição em psicanálise: Uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Jorge, M. A. C. (2000). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, volume 1: As bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1991). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original apresentado em 1959-1960)
- Souza, P. C. (2010). In S. Freud, *História de uma neurose infantil* ("O homem dos lobos"); *Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. P. C. Souza (Trad. e notas). São Paulo: Companhia das Letras.
- Zaltzman, N. (1994). *A pulsão anarquista*. São Paulo: Escuta.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 21/09/2018

Aceito em: 15/10/2018

Leonardo Adalberto Francischelli
Rua Tobias da Silva, 267/206
90570-020 – Porto Alegre – Brasil
E-mail: leofrancischelli@yahoo.com.br